
Escala de Atitudes Sexuais

[Valentim Rodrigues Alferes](#)

[Núcleo de Investigação e Intervenção em Psicologia Social da FPCE](#)

Universidade de Coimbra

Referência:

Alferes, V. R. (1999). Escala de atitudes sexuais. In M. R. Simões, M. M. Gonçalves & L. A. Almeida (Eds.), *Testes e provas psicológicas em Portugal* (Vol. 2, pp. 131-148). Braga: SHO/APPORT.

Errata

Na Secção 9 – *Material* (p. 147), onde se lê “Alferes, 1987” deve ler-se “Alferes, 1997”.

ESCALA DE ATITUDES SEXUAIS (E. A. S.)

Valentim Rodrigues Alferes
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação
Universidade de Coimbra

1. Designação

A *Escala de Atitudes Sexuais* de Hendrick e Hendrick (1987a), adiante designada por EAS, é uma escala de tipo somativo (*Likert scale*), constituída por 43 itens.

2. Indicações

2.1. Dimensões avaliadas

Na versão original, a EAS comporta quatro subescalas, directamente relacionadas com as seguintes dimensões atitudinais: *permissividade sexual* (itens 1 a 21), *práticas sexuais* (itens 22 a 28), *comunhão* (itens 29 a 37) e *instrumentalidade* (itens 38 a 43) [cf. *Quadro 1*].

2.2. Populações alvo

Enquanto questionário auto-administrado, excluem-se, obviamente, as populações com um grau de alfabetização insuficiente para responder de modo adequado à forma e ao conteúdo da EAS. Ainda que a maioria dos estudos já realizados tenha incidido em amostras de estudantes universitários, não existe qualquer razão para limitar o uso da EAS a grupos ou a classes particulares.

3. História

O desenvolvimento da EAS teve lugar no âmbito de estudos relativos ao *duplo padrão sexual* na sociedade americana dos anos 80. As investigações preliminares decorreram em 1983/84 e os respectivos resultados são relatados em Hendrick, Hendrick, Slapion-Foote e Foote (1985).

4. Fundamentação teórica

Perspectivando as *atitudes sexuais* como um *conceito multidimensional*, Hendrick e Hendrick (1987a) procuraram construir um instrumento capaz de dar conta da complexidade das relações entre sexualidade e amor, de modo a contribuir para o esclarecimento dos resultados contraditórios (permanência ou declínio?) das investigações sobre o duplo padrão sexual. Sobre o *programa de investigação* centrado na interdependência das atitudes sexuais e amorosas, do qual a EAS constitui um importante componente metodológico, cf. Hendrick e Hendrick (1987b, 1992); para uma revisão da problemática do declínio do duplo padrão sexual, cf. Alferes (1997).

5. Estudos realizados em Portugal

5.1. Data e objectivos

A adaptação portuguesa da EAS, cujos resultados se descrevem na presente secção, foi feita no âmbito de um *inquérito psicossocial sobre os valores, atitudes e comportamentos sexuais* dos estudantes do ensino superior (Alferes, 1997). Os trabalhos de campo tiveram lugar entre Fevereiro de 1990 e Junho de 1993. Os objectivos que presidiram à adaptação da EAS situaram-se num plano essencialmente teórico: identificação e decomposição de *scripts sexuais* e operacionalização de hipóteses de investigação centradas em dimensões atitudinais.

5.2. População, amostra e metodologia

5.2.1. Sujeitos

Dos 587 sujeitos que responderam aos diferentes questionários incluídos no inquérito acima referido, 365 (341 da Universidade de Coimbra e 24 da Escola Superior de Educação de Coimbra) preencheram a EAS. A idade dos 365 sujeitos situa-se entre 18 e 34 anos, sendo a média de 21.32 e o desvio-padrão de 2.52. Para o sexo masculino ($n = 164$), os valores extremos são 18 e 34 anos ($M = 21.66$; $DP = 2.75$); para o sexo feminino ($n = 201$), os mesmos valores são 18 e 30 anos ($M = 21.03$; $DP = 2.29$). A mediana é de 21 anos para os dois sexos. Relativamente ao total, 81.1% dos sujeitos afirmam-se católicos, 3.0% declaram professar outra religião e 15.9% dizem não ter qualquer religião.

Todos os sujeitos são solteiros e 31.5% são “virgens”. As taxas de virgindade nos sexos masculino e feminino são, respectivamente, 17.7% e 42.8% [o teste de independência entre *sexo* e *virgindade*, calculado, obviamente, a partir das frequências, fornece o seguinte valor: $\chi^2(1, N = 365) = 25.22, p < .01$]. Ainda no contexto das “carreiras sexuais/amorosas” dos respondentes, 64.1% tencionam casar pela igreja, 12.9% pelo registo civil e 19.5% desejam viver maritalmente. Os restantes 3.6% recusam qualquer das três situações. Não existem diferenças significativas entre as intenções relativas ao casamento manifestadas pelos dois sexos [$\chi^2(3, N = 365) = 3.41, p > .30$] [para uma descrição mais pormenorizada dos sujeitos inquiridos, cf. Alferes, 1997, pp. 104-108 e 231-234].

5.2.2. Procedimento

Os questionários foram aplicados em sessões colectivas, tendo-se assegurado as condições de preenchimento individual e garantindo o respeito pelo mais estrito anonimato. Para a descrição pormenorizada dos procedimentos de aplicação, cf. Alferes (1987, p. 108).

5.3. Dados psicométricos

5.3.1. Estatísticas descritivas

Os 43 itens da EAS foram cotados de 1 (completamente em desacordo) a 5 (completamente de acordo). As pontuações médias oscilaram entre 1.20 (item 16) e 4.85 (item 25). Para a média, desvio-padrão e percentagens de respostas de todos os itens, cf. Alferes (1987, p. 236).

5.3.2. Composição factorial e consistência interna

A análise em componentes principais da matriz de intercorrelações dos 43 itens¹ fornece resultados relativamente próximos dos de Hendrick e Hendrick (1987a). Retendo – à semelhança dos autores – quatro factores (componentes), a *percentagem explicada da variabilidade total* é de 32.6% (14.8%, 8.3%, 5.5% e 4.0% para cada um dos quatro factores extraídos). Após rotação ortogonal (VARIMAX), a *contribuição proporcional* de cada um dos factores para a variância explicada é, respectivamente, 38.1%, 25.4%, 20.7% e 15.7%.

No *Quadro A1* (cf. *Anexo – Secção 11*), comparam-se as saturações encontradas na investigação aqui descrita (Alferes, 1997) com as obtidas nos dois estudos relatados por Hendrick e Hendrick (1987a). De modo sucinto, podemos afirmar que o nosso *primeiro factor* é saturado acima de .30 (critério adoptado pelos autores) por 16 dos 21 itens da *subescala de permissividade*, ainda que dois desses itens (itens 8 e 13) saturem igualmente outros factores na mesma ordem de grandeza. Dos restantes itens, quatro (itens 12, 17, 18 e 21) saturam primordialmente outros factores, ao passo que as saturações do item 16 não ultrapassam .30 em nenhum dos factores extraídos.

Todos os itens que integram a *subescala comunhão* têm saturações superiores a .40 no *segundo factor*. Contudo, os itens 34 e 37 saturam, também, outros factores acima de .30. De igual modo, a *subescala instrumentalidade* é inteiramente replicada: as saturações no *terceiro factor* dos seis itens que a integram são todas superiores a .40 e apenas uma delas não ultrapassa .50.

Por último, quatro dos sete itens da *subescala práticas sexuais* têm saturações iguais ou superiores a .40 no *quarto factor*. Dos restantes, os itens 27 e 28 saturam acima de .30 o primeiro e o segundo factores, acontecendo o mesmo ao item 26 em relação ao segundo factor.

Desta breve análise infere-se que as principais discrepâncias entre os nossos resultados e os de Hendrick e Hendrick (1987a) resultam, fundamentalmente, da “polarização” de alguns dos itens da *subescala permissividade* por outros factores que não o primeiro e, ainda, do padrão de saturações dos itens da *subescala práticas sexuais*. Com efeito, os sete itens desta subescala, claramente bipolar, podem dividir-se em dois grupos “facialmente” heterogéneos: o primeiro (itens 22, 23, 24 e 25) refere-se directamente às atitudes face ao planeamento familiar e à educação sexual, enquanto o segundo (itens 26, 27 e 28) incide na actividade sexual propriamente dita (masturbação e uso de objectos sexuais). Na solução encontrada, os itens do primeiro grupo saturam primordialmente o quarto factor, ao passo que os do segundo grupo são polarizados pelo segundo factor. O comportamento diferencial dos itens

¹ A matriz de intercorrelações é significativamente diferente de uma *matriz de identidade* (o teste de Bartlett fornece um $\chi^2 = 3798.91$, $p < .001$) e a amostragem é suficientemente adequada (a medida de Kaiser-Meyer-Olkin é de .82 para o conjunto das 43 variáveis). Doze componentes principais atingem valores próprios superiores a 1, sendo responsáveis por 56.4% da variabilidade total.

da subescala práticas sexuais é perfeitamente compreensível se tivermos em conta que esta subescala resultou da agregação de itens de dois factores identificados por Hendrick et al. (1985) em estudos preliminares: “responsabilidade sexual” e “não-convencionalidade sexual”.

Em face destas discrepâncias, e tendo em conta que o *scree test* de Cattell apontava para uma solução de cinco factores, optámos pela respectiva extracção, rotação e interpretação. Extraindo cinco factores, a *percentagem explicada da variabilidade total* é de 36.3%, cabendo 3.7% ao quinto factor. Após rotação VARIMAX as *contribuições proporcionais* dos cinco factores para a variância explicada são, respectivamente, 30.2%, 21.8%, 18.3%, 12.8% e 17.0%.

No *Quadro 1*, indicam-se as *saturações factoriais* e as *comunalidades* dos 43 itens. Conforme se pode observar, o *primeiro factor* integra 12 itens da subescala de permissividade de Hendrick e Hendrick (1987a). Todas as saturações são superiores a .30 e nove delas atingem ou ultrapassam .50. Note-se que os itens retidos por este factor constituem um bloco homogéneo no interior dos 21 itens da subescala de permissividade. Mais exactamente, a *permissividade*, tal como é expressa pelo primeiro factor, refere-se às atitudes face ao “sexo ocasional”, ao “sexo sem compromisso” e à diversidade e simultaneidade de parceiros sexuais.

O *segundo factor* polariza todos os itens da subescala comunhão (saturações > .40) e, ainda, com saturações acima de .30, dois itens da subescala permissividade (itens 13 e 21) e um da subescala práticas sexuais (item 28). Note-se, contudo, que o item 13 satura igualmente o primeiro factor acima de .30, que o item 21 opõe-se a todos os outros itens deste factor e que o item 28 satura também o quarto factor ao nível .38. Sob o rótulo de *comunhão*, o segundo factor refere-se às atitudes relativamente ao sexo como experiência sublime de intimidade física e psicológica.

O *terceiro factor* tem, igualmente, uma significação clara e engloba todos os itens da subescala instrumentalidade (saturações > .40).² À designação instrumentalidade preferimos o rótulo *prazer físico*. Por outras palavras, o terceiro factor dá conta das atitudes face ao sexo enquanto actividade destinada, essencialmente, à obtenção de prazer físico. Os quatro itens da subescala práticas sexuais relativos à *responsabilidade* face ao planeamento familiar e à importância da educação sexual são polarizados pelo *quinto factor* (saturações > .50), que nesta solução passa a ter uma interpretação inequívoca.

Por último, a interpretação do *quarto factor* apresenta algumas dificuldades, uma vez que reúne itens relativamente heterogéneos. Os itens 26 e 27, englobados por Hendrick e Hendrick na subescala práticas sexuais, referem-se a atitudes face ao sexo não convencional, ao passo que os restantes itens deste factor têm em comum o facto de implicarem a aceitação de práticas socialmente condenadas ou, pelo menos,

² O item 16 da subescala de permissividade tem no segundo factor uma saturação de apenas .21. Como facilmente se pode inferir do valor da *respectiva comunalidade* (.09), esta solução com cinco factores não representa adequadamente a variabilidade do item 16.

“indesejáveis”. Note-se, no entanto, que o item 27, relativo à masturbação, satura igualmente o segundo factor acima de .30, tendo um comportamento semelhante ao item 28, que atinge também saturações elevadas nos segundo e quarto factores. Por sua vez, o item 18 (o sexo como descarga física) atinge no terceiro factor (prazer físico/instrumentalidade) uma saturação de .47. Se retivermos os itens que apenas saturam substancialmente o quarto factor, o seu significado torna-se mais evidente: atitudes face ao sexo como “mercadoria”, “bem material”. Optámos pela designação, relativamente neutra, de *sexo impessoal*.

Nas *Subsecções 5.3.3 e 5.3.4*, tomámos como índices das atitudes sexuais dos respondentes as respectivas *pontuações factoriais* nos cinco factores ou componentes acima referidos. A utilização de escalas factoriais, em detrimento das escalas baseadas no somatório das pontuações obtidas nos itens englobados nos factores, tem duas vantagens importantes. Em primeiro lugar, todos os itens contribuem para as pontuações num factor, tendo como critério de ponderação as respectivas saturações nesse factor. Em segundo lugar, contrariamente às escalas baseadas no somatório dos itens, nas escalas factoriais as correlações entre as pontuações nos diferentes factores são nulas no caso das rotações ortogonais.

Para uma utilização futura da presente adaptação da EAS, sem o recurso às pontuações factoriais, recomendamos que sejam excluídos os seguintes itens: 13, 21 e 28 (comunhão); 16 (prazer físico/instrumentalidade); 18 e 27 (“sexo impessoal”). Se procedermos à exclusão destes itens e construirmos subescalas integrando os itens dos diferentes factores, a *análise da consistência interna* fornece os valores que se registam no *Quadro 2*.

5.3.3. Validades teórica, convergente e discriminante

Os resultados da generalidade dos inquéritos sobre a sexualidade humana, desde os estudos clássicos (Kinsey, Pomeroy & Martin, 1948; Kinsey, Pomeroy, Martin & Gebhard, 1953) até às investigações mais recentes (Laumann, Gagnon, Michael & Michaels, 1994; para um resumo dos resultados de diversos inquéritos realizados nos EUA e na Europa, cf. Bancroft, 1989, pp. 201-211), incluindo trabalhos efectuados em Portugal (Alferes, 1997; Lucas, 1993), mostram que o *sexo* e a *religião* se contam entre os principais *factores moderadores* do campo sexual. Em conformidade, se a *EAS mede efectivamente as dimensões atitudinais da sexualidade, então é de esperar que seja capaz de discriminar grupos sociais definidos pelo sexo e pela posição/prática religiosa*.

Para testar esta hipótese, tomámos como *variáveis discriminantes* os cinco componentes atitudinais da EAS e como critério de classificação a *variável interactiva sexo ↔ posição/prática religiosa*: a) homens católicos praticantes ($n=55$); b) homens católicos não praticantes ou sem religião ($n=106$); c) mulheres católicas praticantes ($n=88$); e d) mulheres católicas não praticantes ou sem religião ($n=105$) [excluíram-se das análises 11 sujeitos que declararam praticar outra religião que não a católica].

Quadro 1 – Escala de Atitudes Sexuais de Hendrick e Hendrick (1987a):
 Saturações factoriais e comunalidades [h^2] para a solução com cinco factores (rotação VARIMAX)

Itens EAS	F1	F2	F3	F4	F5	h^2
1 Não preciso de estar comprometido com uma pessoa para ter relações sexuais com ela [Per].	.68	-.01	.01	.22	-.05	.50
4 As "aventuras sexuais" de uma só noite são, por vezes, muito agradáveis [Per].	.67	.05	.20	.06	.04	.47
15 O sexo só pelo sexo é perfeitamente aceitável [Per].	.65	.11	.19	.32	-.11	.58
3 Gostaria de ter relações sexuais com muitos parceiros [Per].	.64	-.04	.12	.12	-.07	.44
2 As relações sexuais ocasionais são aceitáveis [Per].	.64	.06	.05	.12	.12	.44
5 É correcto ter relações sexuais com mais do que uma pessoa no mesmo período de tempo [Per].	.61	-.02	-.06	.14	-.02	.39
14 As "aventuras extra-conjugais" são aceitáveis desde que o nosso parceiro não saiba nada delas [Per].	.60	-.05	.08	-.03	-.14	.32
6 É correcto influenciar uma pessoa para ter relações sexuais sem fazer quaisquer promessas para o futuro [Per].	.59	.16	.04	.26	.04	.45
19 O sexo sem amor não faz sentido [Per].*	.50	-.07	.05	.23	-.17	.34
8 O melhor sexo é o que se faz na ausência de quaisquer "compromissos" [Per].	.40	.04	.35	-.03	.00	.27
20 As pessoas deviam, no mínimo, ser amigas antes de terem relações sexuais [Per].*	.32	-.24	-.07	.11	-.22	.22
9 A vida teria menos problemas se as pessoas tivessem relações sexuais de modo mais livre [Per].	.32	.26	.24	.07	-.02	.21
35 O sexo é, geralmente, um experiência intensa e absorvente [Com].	.07	.74	-.02	-.01	.08	.52
37 Fazer sexo é, fundamentalmente, bom [Com].	.36	.56	.14	-.06	-.04	.36
32 O orgasmo é a melhor experiência do mundo [Com].	.07	.53	.25	.06	.02	.34
36 Durante as relações sexuais, o conhecimento intenso do parceiro é o melhor "estado de espírito" [Com].	-.10	.53	-.17	.09	.13	.34
30 O sexo é a forma mais íntima de comunicação entre duas pessoas [Com].	-.08	.51	.09	-.14	-.05	.24
31 Um encontro sexual entre duas pessoas profundamente apaixonadas é a forma mais sublime de interacção humana [Com].	-.13	.50	-.00	.00	.06	.27
33 Na sua melhor expressão, o sexo parece ser a fusão de dois "seres" [Com].	-.22	.47	.01	.12	-.04	.29
29 O sexo torna-se melhor à medida que as relações progredem [Com].	.15	.46	-.13	.08	.02	.25
34 O sexo é uma parte muito importante da vida [Com].	.18	.43	-.02	-.04	.36	.35
28 Masturbar o nosso parceiro durante as relações sexuais pode aumentar o prazer do sexo [Pra].	.23	.41	-.03	.38	-.03	.37
13 É bom ter uma prolongada experiência sexual pré-marital [Per].	.34	.38	-.08	.24	-.03	.32
21 Para que o sexo seja bom é necessário ter sentido para as pessoas [Per].*	.25	-.31	.14	.03	-.26	.23
41 O sexo é, principalmente, uma actividade física [Ins].	.06	-.14	.67	.04	-.01	.48
42 O sexo é, principalmente, uma função corporal, tal como comer [Ins].	.00	-.12	.63	.08	.15	.41
40 A principal finalidade do sexo é dar-mo-nos prazer a nós mesmos [Ins].	.13	.11	.60	-.04	-.13	.38
39 O sexo é, em primeiro lugar, obter prazer através do outro [Ins].	.12	-.01	.54	.00	.05	.31
43 O sexo é sobretudo um jogo entre machos e fêmeas [Ins].	.06	.09	.50	.19	-.16	.32
38 O sexo é melhor quando nos "deixamos ir" e nos centramos no nosso próprio prazer [Ins].	-.04	.04	.48	-.00	-.06	.24
16 Sentir-me-ia confortável tendo relações sexuais com o meu parceiro na presença de outras pessoas [Per].	.13	-.07	.19	.18	-.05	.09
26 Usar "instrumentos e objectos sexuais" quando se faz amor é aceitável [Pra].	.01	.15	-.04	.69	.10	.25
17 A prostituição é aceitável [Per].	.07	-.05	.13	.55	-.11	.22
18 O sexo apenas como forma de "descarga" física é bom [Per].	.15	.03	.47	.52	-.10	.44
7 As relações sexuais como simples troca de "serviços" são aceitáveis desde que ambos os parceiros estejam de acordo [Per].	.20	.03	.21	.47	.09	.21
10 É possível gostar de ter relações sexuais com uma pessoa não gostando muito dessa pessoa [Per].	.29	.06	-.02	.47	.03	.24
27 A masturbação é algo agradável e inofensivo [Pra].	.21	.33	-.10	.43	.07	.32
12 É correcto "pressionar" alguém para ter relações sexuais [Per].	.18	-.04	-.01	.38	-.19	.20
11 O sexo é mais divertido com alguém que não amamos [Per].	.28	-.18	.18	.34	-.15	.26
23 As mulheres devem partilhar as responsabilidades do planeamento familiar [Pra].	-.01	.01	-.18	-.09	.68	.41
24 Os homens devem partilhar as responsabilidades do planeamento familiar [Pra].	.02	.00	-.05	.04	.65	.29
25 A educação sexual é importante para a juventude [Pra].	-.08	.00	.13	-.12	.54	.28
22 O planeamento familiar faz parte de uma sexualidade responsável [Pra].	-.12	.11	-.04	.06	.53	.20

Nota 1. Entre parêntesis rectos indica-se a subescala original de cada item: Per = Permissividade; Com = Comunhão; Ins = Instrumentalidade; Pra = Práticas sexuais.

Nota 2. Contrariamente ao que acontece em Alferes (1997), em que a numeração dos itens corresponde à ordem de apresentação na versão da EAS efectivamente aplicada, a presente numeração é idêntica à que consta em Hendrick e Hendrick (1987a).

* Item com escala invertida.

Quadro 2 – Análise da consistência interna da EAS

	Número de itens	Alfa de Cronbach	Correlações interitem			NI → .80
			Média	Mínima	Máxima	
<i>Subescalas</i>						
Permissividade sexual	12	.83	.29	-.04	.46	-2
Comunhão	9	.71	.22	.09	.41	+6
Prazer físico/instrumentalidade	6	.65	.24	.11	.43	+7
Sexo impessoal	6	.58	.19	.04	.31	+12
Responsabilidade sexual	4	.53	.22	.14	.46	+10
<i>Escala completa</i>	37	.83	.09	-.26	.46	-8

Nota. "NI → .80": número de itens semelhantes a adicionar ou subtrair à(s) (sub)escala(s) para obter um $\alpha = .80$.

Procedendo à análise da função discriminante, a variabilidade explicada pelas três possíveis funções é, respectivamente, 94.9%, 4.3% e 0.8%. Atendendo aos testes multivariados, apenas a primeira função é estatisticamente significativa [*lambda de Wilks* = 0.682, $\chi^2(15) = 170.66$, $p < .001$; os testes para a segunda e terceira funções fornecem, pela ordem indicada, os seguintes valores: *lambda de Wilks* = 0.970, $\chi^2(8) = 10.81$, $p > .20$ e *lambda de Wilks* = 0.995, $\chi^2(3) = 1.68$, $p > .60$].

Conforme se pode observar no *Quadro 3*, a primeira função polariza, fundamentalmente, o componente permissividade, a última o componente comunhão e a segunda os três restantes componentes. Se projectarmos no plano definido pelas duas primeiras funções os *centroídes* das pontuações discriminantes dos sujeitos pertencentes a cada um dos quatro grupos, poderemos observar as respectivas posições relativas e apreciar visualmente o poder discriminativo, em termos de permissividade sexual, representado pela primeira função (cf. *Figura 1*).

Quadro 3 – Correlações entre os componentes atitudinais e as funções discriminantes

Componentes	Função 1	Função 2	Função 3
Permissividade sexual (F1)	.89	-.12	-.26
Prazer físico/instrumentalidade (F3)	-.01	.66	-.52
Sexo impessoal (F4)	.23	.52	.24
Responsabilidade sexual (F5)	-.17	.39	-.19
Comunhão (F2)	.09	.35	.77

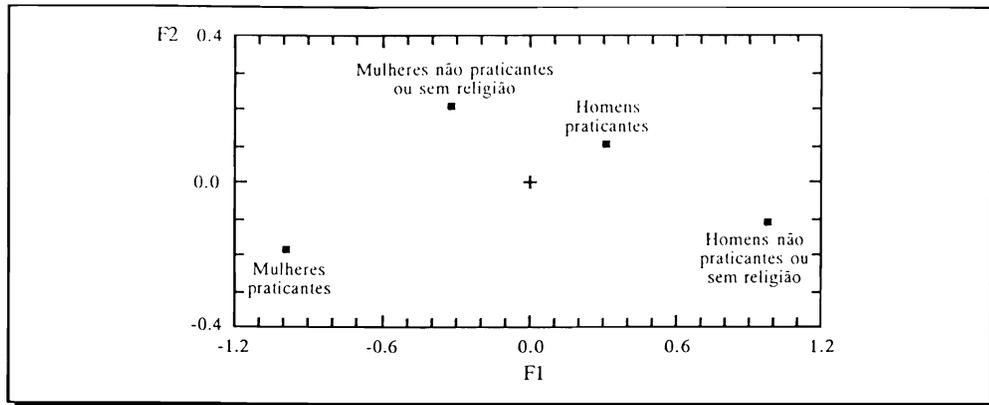


Figura 1 – Projecção dos centróides dos quatro grupos no plano definido pelas duas primeiras funções discriminantes.

No conjunto, a análise da função discriminante permite-nos classificar correctamente 23.6% dos homens católicos praticantes, 65.1% dos homens católicos não praticantes ou sem religião, 67.0% das mulheres católicas praticantes e 31.4% das mulheres católicas não praticantes ou sem religião. Se ignorarmos a *posição/prática religiosa*, 73.9% dos homens são correctamente classificados nos grupos masculinos, o mesmo acontecendo a 75.6% das mulheres em relação aos grupos femininos. Se ignorarmos o *sexo*, 62.2% dos católicos praticantes e 61.1% dos católicos não praticantes e indivíduos sem religião são correctamente classificados nos respectivos grupos.

Uma perspectiva mais pormenorizada das diferenças entre os quatro grupos é-nos dada pelos resultados de sucessivas ANOVAs (*sexo x posição/prática religiosa*), tendo as pontuações factoriais como critério. De acordo com os testes univariados (cf. Quadro 4), tanto o *sexo* como a *posição/prática religiosa* têm efeitos significativos na *permissividade sexual* e no *sexo impessoal*, verificando-se uma curiosa *interacção* entre os dois factores em relação às atitudes face à sexualidade como mero *prazer físico* (cf. Figura 2). Mais exactamente, a religião tem um papel moderador do duplo padrão sexual: são as mulheres católicas e os homens sem religião ou não praticantes que mais se “recusam” a reduzir o sexo à dimensão estritamente instrumental.

Em síntese, os dados expostos corroboram a hipótese relativa ao poder discriminativo³ da EAS, apontando claramente para a respectiva *validade teórica* ou *conceptual* (*construct validity*).

³ Não confundir com *validade discriminante*, cuja determinação, em paralelo com a da *validade convergente*, constitui o essencial da metodologia clássica das *matrizes multitraço-multimétodo* (Campbell & Fiske, 1959). Em rigor, a determinação das validades convergente e discriminante é uma tentativa de equacionar em termos estatísticos a problemática da validade teórica ou conceptual (*construct validity*), i.e., avaliar ou testar a convergência das correlações entre diferentes medidas da mesma disposição ou comportamento e a divergência entre medidas de disposições ou comportamentos distintos, ainda que conceptualmente aparentados (cf. Rosenthal & Rosnow, 1984).

Quadro 4 – Pontuações factoriais médias na EAS em função do sexo e da posição/prática religiosa: Testes univariados

	Sexo F (1, 350)	Religião F (1, 350)	Interacção F (1, 350)
<i>Permissividade sexual (F1)</i>	116.57**	24.86**	0.02
<i>Comunhão (F2)</i>	0.18	2.78	0.27
<i>Prazer físico/instrumentalidade (F3)</i>	0.04	0.01	4.49*
<i>Sexo impessoal (F4)</i>	6.35*	4.36*	1.73
<i>Responsabilidade sexual (F5)</i>	3.67	0.85	1.34

* $p < .05$ ** $P < .01$

Os sujeitos que preencheram a EAS, completaram, igualmente, o *Inventário Psicosssexual* de Snyder, Simpson e Gangestad (1986; para a versão portuguesa, cf. Alferes, 1997), que, entre outros itens, inclui oito *escalas de 9 pontos* relativas às atitudes sexuais. Com base nestas escalas, os autores construíram dois índices atitudinais: *a)* atitudes face ao *sexo sem compromisso* (dois itens) e *b)* atitudes face ao *sexo ocasional* (seis itens).

No *Quadro 5*, apresentam-se as correlações entre os cinco componentes atitudinais da EAS e os dois índices atitudinais derivados do *Inventário Psicosssexual* de Snyder et al. (1986). Registem-se as elevadas correlações (.73 e .72) entre estes índices e o componente permissividade, o que aponta para a respectiva *validade convergente* (cf. *nota 3*). Sublinhem-se, também, as correlações positivas entre os mesmos índices e o componente sexo impessoal. Tais correlações indicam, obviamente, que a aceitação de determinadas práticas socialmente indesejáveis (v.g., prostituição) está associada à permissividade sexual em geral. Por último, note-se que a ausência de correlações entre os dois índices e os outros componentes reforça a natureza multidimensional da EAS, apontando, simultaneamente para a *validade discriminante* do componente permissividade em relação aos outros componentes da EAS.

5.3.4. Validade de critério

A recolha de *indicadores comportamentais* da esfera da sexualidade permitiu-nos proceder ao estudo da *validade de critério*. Mais exactamente, no quadro do inquérito psicossocial subjacente ao presente trabalho, obtiveram-se relatos circunstanciados da experiência e actividade sexuais dos respondentes, nomeadamente; número de parceiros sexuais (passados, presentes, actualmente desejados e esperados no futuro), número de relações sexuais no último mês, prática de sexo oral-genital,

Quadro 5 – Correlações entre as medidas das atitudes sexuais: Componentes da Escala de Atitudes Sexuais de Hendrick e Hendrick (1987a) e indicadores derivados do Inventário Psicosssexual de Snyder, Simpson e Gangestad (1986) [N = 365]

	Atitudes face ao sexo sem compromisso	Atitudes face ao sexo ocasional
Permissividade sexual (F1)	.73**	.72**
Comunhão (F2)	-.01	.03
Prazer físico/instrumentalidade (F3)	-.02	.08
Sexo impessoal (F4)	.24**	.26**
Responsabilidade sexual (F5)	-.01	-.10*

* p < .05 ** P < .01

pensamentos e fantasias sexuais. Tendo retido 10 itens do *Inventário Psicosssexual de Snyder* (cf. *Quadro 6*), procedeu-se a uma *análise em componentes principais* com o objectivo de reduzir as dimensões do conjunto e, obviamente, “afinar” os *critérios* a tomar em consideração.

Assim, a análise da matriz de correlações dos 10 itens⁴ produziu três componentes principais com valores próprios superiores à unidade, responsáveis, no conjunto, por 62.6% da variância total (36.9%, 14.1% e 11.6%, respectivamente, para o primeiro, segundo e terceiro componentes). Após rotação ortogonal (VARIMAX), a *contribuição proporcional* de cada um dos componentes para a variância explicada é, pela mesma ordem, 46.5%, 28.8% e 24.7%. Conforme se pode facilmente constatar no *Quadro 6*, o primeiro factor polariza, com saturações superiores a .60, todos os itens relativos à diversidade de parceiros sexuais; o segundo factor é saturado essencialmente pelos itens relativos a “comportamentos cobertos” (pensamentos e fantasias sexuais e parceiros actualmente desejados). Note-se, contudo, que o item “parceiros desejados” satura, igualmente, o primeiro factor acima de .30. Por último, o terceiro factor agrupa dois itens referentes à actividade sexual em si mesma. Em conclusão, podemos reduzir os itens comportamentais a três dimensões principais: a) *diversidade de parceiros sexuais*; b) *pensamentos e fantasias sexuais* e c) *actividade sexual*.

⁴ A matriz de intercorrelações é significativamente diferente de uma *matriz de identidade* (o teste de Bartlett fornece um $\chi^2 = 1067.63$, $p < .001$) e a amostragem é suficientemente adequada (a medida de Kaiser-Meyer-Olkin é de .80 para o conjunto das 10 variáveis).

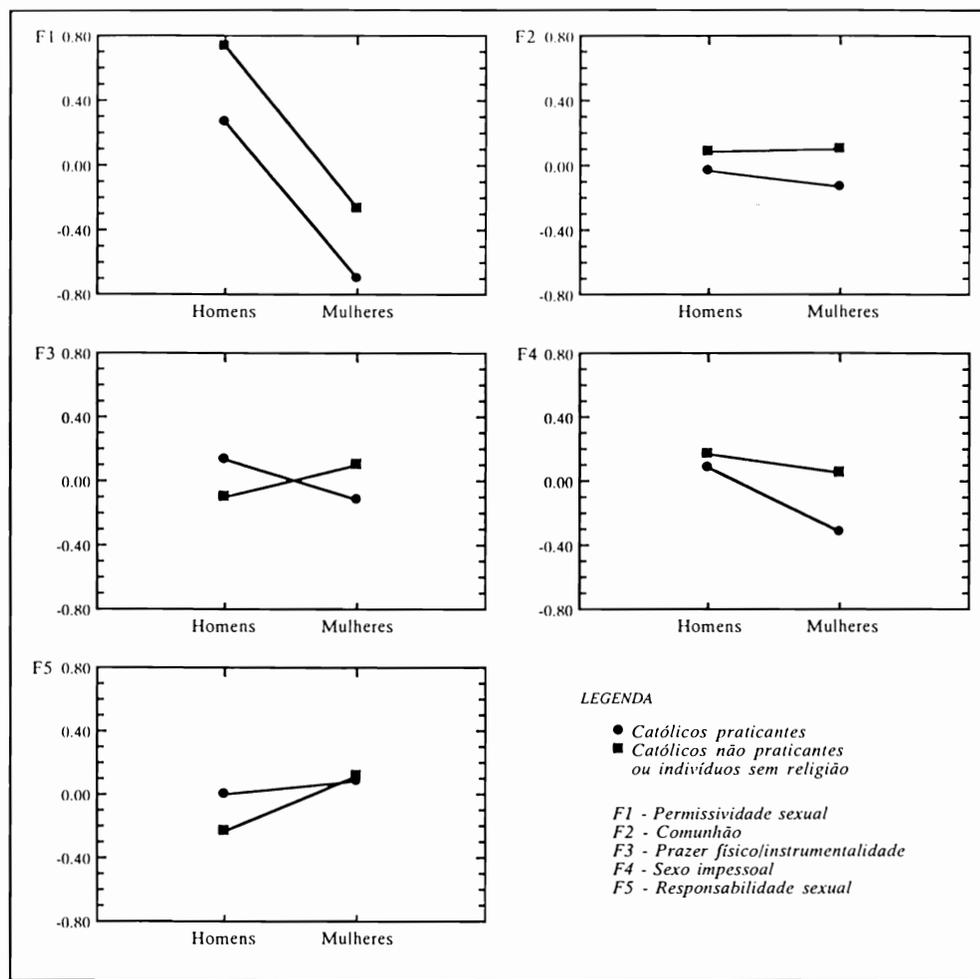


Figura 2 – Pontuações médias nos componentes atitudinais em função do sexo e da posição/prática religiosa.

Tomando como critério as pontuações factoriais em cada uma das dimensões, procedeu-se à *análise da correlação/regressão* entre os cinco componentes atitudinais da EAS e os três componentes comportamentais. Obviamente, *espera-se que o padrão de associações entre atitudes e comportamentos seja conforme à multidimensionalidade da EAS e que o sentido das relações mostre, de modo inequívoco, que as pontuações mais elevadas na esfera atitudinal têm correspondência na esfera comportamental, com excepção da subescala responsabilidade sexual.*

No *Quadro 7*, resumem-se os resultados das três regressões múltiplas efectuadas (uma por critério). Todos os testes globais são estatisticamente significativos, situan-

Quadro 6 – Indicadores comportamentais: *Saturações factoriais e comunalidades [h²]* para a solução com três factores (rotação VARIMAX)

Componentes	F1	F2	F3	h ²
<i>F1 Diversidade de parceiros sexuais</i>				
Número total de parceiros sexuais	0.80	0.19	0.22	.73
Número de <i>one night stands</i>	0.75	-0.01	0.13	.58
Número total de parceiros sexuais durante o último ano	0.74	0.16	0.33	.68
Número de parceiros sexuais “esperados” nos próximos cinco anos	0.69	0.36	-0.19	.65
Número de parceiros sexuais concomitantes com o actual parceiro	0.62	0.06	0.14	.41
<i>F2 Pensamentos e fantasias sexuais</i>				
Fantasias sexuais com outro que não o actual parceiro (escala 1 a 9)	0.17	0.80	-0.02	.66
Frequência de pensamentos sexuais (escala 1 a 9)	-0.06	0.77	0.24	.66
Número de parceiros sexuais “desejados” entre as actuais relações	0.37	0.60	-0.05	.51
<i>F3 Actividade sexual</i>				
Número de relações sexuais durante o último mês	0.07	0.03	0.85	.74
Prática de sexo oral-genital (não/sim)	0.33	0.10	0.73	.64

do-se os *coeficientes de correlação múltipla* correspondentes entre .36 e .53. Atendendo aos valores (na amostra e ajustados para a população – R^2 e R^2_{ajust}) dos *coeficientes de determinação múltipla*, podemos afirmar que as percentagens de variabilidade explicadas pelo conjunto dos cinco preditores são conformes aos valores aceites no estudo das relações entre factores disposicionais (traços de personalidade, atitudes, etc) e comportamentos (para uma discussão aprofundada do problema da correspondência entre *factores disposicionais* e *comportamentos* nos domínios da psicologia da personalidade e da psicologia social, cf. Ajzen, 1987).

Por sua vez, dos 15 *coeficientes de regressão parcial*, 10 são estatisticamente significativos (cf. Quadro 7).⁵ Como se pode facilmente constatar, em relação à *diversidade de parceiros sexuais*, a *permissividade* revela-se o preditor fundamental; o

5 Dado que os preditores, para além de serem variáveis estandardizadas ($M = 0$; $DP = 1$), têm correlações nulas entre si, os coeficientes de correlação e de regressão de *ordem zero* são idênticos e coincidem com os coeficientes de correlação e de regressão parciais. O uso de componentes não correlacionados (i.e., verdadeiras escalas factoriais em vez de escalas baseadas no somatório dos itens – cf. Subsecção 5.3.2) traduz-se, nos casos de regressão múltipla, em que tais componentes funcionam como preditores, na possibilidade de decompor directamente o coeficiente de determinação múltipla, que não é mais do que a soma dos quadrados dos coeficientes de regressão parcial. Em caso de preditores correlacionados, a partição do R^2 e a determinação do peso relativo dos preditores passa pela avaliação sucessiva de diferentes modelos, independentemente da opção por uma verdadeira análise hierárquica ou pelo método, menos recomendado, de regressão “passo a passo” (*stepwise regression*) [cf. Cohen & Cohen, 1983].

Quadro 7 – Análises da regressão múltipla dos componentes comportamentais nos componentes atitudinais: Coeficientes de regressão parcial (β s) [metade superior], coeficientes de correlação e de determinação múltiplas (R s e R^2 s) [metade inferior]

Componentes atitudinais (preditores)	Componentes comportamentais (critérios)		
	Diversidade de parceiros	Pensamentos e fantasias	Actividade sexual
Permissividade sexual (F1)	.42**	.45**	.11*
Comunhão (F2)	-.04	.09*	.29**
Prazer físico/instrumentalidade (F3)	-.01	.07	-.10*
Sexo impessoal (F4)	.05	.20**	.15**
Responsabilidade sexual (F5)	-.10*	-.14**	-.01
R	.43	.53	.36
R ²	.19	.28	.13
R ² _{ajust}	.18	.27	.12
F _s (5, 359)	16.52**	27.82**	10.83**

* $p < .05$ ** $P < .01$

mesmo se pode dizer em relação aos *pensamentos fantasias sexuais*, ainda que aqui as atitudes favoráveis ao *sexo impessoal* sejam igualmente responsáveis para uma parte substancial da variabilidade; por último, as atitudes relativas ao sexo como “experiência de fusão física e psicológica” (*comunhão*) são o melhor preditor da *actividade sexual*, mesmo que a *permissividade* e o *sexo impessoal* apontem no mesmo sentido. Tal como previsto, as correlações entre a *responsabilidade sexual* e os três critérios são negativas, ao passo que, no contexto aqui considerado, o padrão de associações entre os mesmos critérios e o facto de encarar o sexo como sendo principalmente *prazer físico* não é particularmente esclarecedor. Se considerarmos a relação entre o grupo dos cinco preditores e o grupo dos três critérios, i.e., se calcularmos o valor da correlação entre as combinações lineares dos dois grupos, obtemos um coeficiente de *correlação canónica* de $r^* = .69$ [$\chi^2(15) = 279.90, p < .001$].

No conjunto, os dados expostos apontam, de modo inequívoco, para a *validade de critério* da EAS e apoiam, igualmente, a hipótese da *multidimensionalidade das atitudes sexuais*.

5.4. Contextos, tempo de aplicação e procedimentos de correcção

O contexto de aplicação da EAS foi descrito na *Secção 5.2*. A duração das sessões de aplicação dos questionários que incluíam a EAS oscilou entre 40 e 50 minutos, correspondendo à EAS aproximadamente um quarto deste tempo. Para a versão integral dos questionários, cf. Alferes (1997).

Os valores atribuídos a cada resposta são os que se indicam na *Subsecção 5.3.1*, exceptuando os itens 19, 20, e 21, em que a a escala é invertida [*completamente em desacordo = 5 (...) completamente de acordo = 1*].

6. Parâmetros possíveis de interpretação dos resultados

Para a amostra utilizada na presente adaptação, as medidas de tendência central e de dispersão, assim como a distribuição de respostas aos itens da EAS, constam, como já foi referido, em Alferes (1987, p. 236). Como é óbvio, o sentido a atribuir às pontuações obtidas na EAS depende do contexto de aplicação e das hipóteses de investigação ou objectivos de intervenção que o especificam.

7. Avaliação crítica

À semelhança do que acontece noutros domínios da investigação psicológica, o recurso a questionários auto-administrados comporta vantagens e desvantagens relativamente a outras aproximações metodológicas. Se tomarmos como termo de comparação a *entrevista face-a-face* (cf. Brabburn, 1983), o *questionário anónimo auto-administrado* significa “menor reactividade” por parte dos inquiridos, dado que representa uma interferência mínima do investigador, ainda que a própria formulação das questões contribua de modo decisivo, ao contrário do que pretendem as abordagens ingénuas, para a definição social das situações (Ghiglione & Matalon, 1978).

No campo específico da sexualidade, a comparação dos questionários auto-administrados e das entrevistas face-a-face mostra que os primeiros, ao maximizarem a privacidade dos respondentes, são mais eficazes na redução dos “erros de medição” (Catania, Gibson, Chitwood & Coates, 1990). A sua principal desvantagem prende-se com a impossibilidade de garantir inequivocamente que as instruções, o sentido das questões e as modalidades de resposta foram correctamente compreendidos. Contudo, desde que se tomem as devidas precauções na escolha do vocabulário e se proceda a estudos preliminares que permitam corrigir as ambiguidades iniciais, tal desvantagem, em particular quando o nível de escolaridade dos inquiridos é médio ou elevado, torna-se uma questão de somenos importância.

Para além da privacidade, a questão da credibilidade da investigação e dos investigadores assume particular importância quando se trata de estabelecer a fiabilidade das respostas. Como é óbvio, devem ser dados, verbalmente e por escrito, todos os elementos (identidade e ligações institucionais do investigador e natureza da pesquisa) susceptíveis de maximizar a credibilidade da investigação e dos investigadores. Note-se, de passagem, que o estudo experimental dos efeitos do investigador nas respostas a questionários auto-administrados sobre a sexualidade, desde que garantidas as condições de privacidade e credibilidade, mostra que tais respostas não são substancialmente afectadas (Winer, Makowski, Alpert & Collins, 1988; para uma

análise sistemática das problemáticas da *validade* e da *consistência* nos inquéritos sobre a sexualidade, cf. Catania et al., 1990; Andersen e Broffitt, 1988, discutem a questão específica da *consistência* dos relatos comportamentais).

Ainda que os estudos originais e a presente adaptação da EAS se tenham situado no domínio da investigação, é evidente que a informação veiculada pela escala poderá ser utilizada em diversos contextos de intervenção psicológica, nomeadamente, nas áreas da clínica (terapias sexuais e familiares) e da educação (programas de educação sexual e de desenvolvimento social e pessoal).

8. Bibliografia fundamental

Na lista bibliográfica que se segue incluem-se as referências de todas as obras citadas no presente capítulo. Para a *bibliografia fundamental* relativa à EAS, cf. Hendrick e Hendrick (1987a) e Alferes (1997).

- Ajzen, I. (1987). Attitudes, traits, and actions: Dispositional prediction of behavior in personality and social psychology. In L. Berkowitz (Ed.), *Advances in experimental social psychology* (Vol. 20, pp. 1-63). New York: Academic Press.
- Alferes, V. R. (1997). *Encenações e comportamentos sexuais. Para uma psicologia social da sexualidade*. Porto: Afrontamento.
- Andersen, B. L., & Broffitt, B. (1988). Is there reliable and valid self-report measure of sexual behavior? *Archives of Sexual Behavior*, 17, 509-525.
- Bancroft, J. (1989). *Human sexuality and its problems* (2nd ed.). London: Churchill Livingstone.
- Brabburn, N. M. (1983). Response effects. In P. H. Rossi, J. D. Wright, & A. B. Anderson (Eds.), *Handbook of survey research* (pp. 289-328). New York: Academic Press.
- Campbell, D. T., & Fiske, D. W. (1959). Convergent and discriminant validation by multitrait-multimethod matrix. *Psychological Bulletin*, 56, 81-105.
- Catania, J. A., Gibson, D. R., Chitwood, D. D., & Coates, T. J. (1990). Methodological problems in AIDS behavioral research: Influences on measurement error and participation bias in studies of sexual behavior. *Psychological Bulletin*, 108, 339-362.
- Cohen, J., & Cohen, P. (1983). *Applied multiple regression/correlation analysis for the behavioral sciences* (2nd ed.). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Ghiglione, R., & Matalon, B. (1978). *Les enquêtes sociologiques. Théories et pratique*. Paris: Armand Colin.
- Hendrick, S. S., & Hendrick, C. (1987a). Multidimensionality of sexual attitudes. *The Journal of Sex Research*, 23, 502-526.
- Hendrick, S. S., & Hendrick, C. (1987b). Love and sex attitudes: A close relationship. In W. H. Jones & D. Perlman (Eds.), *Advances in personal relationships* (Vol. 1, pp. 141-169). Greenwich, CT: Jai Press.
- Hendrick, S. S., & Hendrick, C. (1992). *Romantic love*. London: Sage.
- Hendrick, S. S., & Hendrick, C., Slapion-Foote, M. J., & Foote, F. H. (1985). Gender differences in sexual attitudes. *Journal of Personality and Social Psychology*, 48, 1630-1642.
- Kinsey, A. C., Pomeroy, W. B., & Martin, C. E. (1948). *Sexual behavior in the human male*. Philadelphia: Saunders.
- Kinsey, A. C., Pomeroy, W. B., Martin, C. E., & Gebhard, P. H. (1953). *Sexual behavior in the human female*. Philadelphia: Saunders.
- Laumann, E. O., Gagnon, J. H., Michael, R. T., & Michaels, S. (1994). *The social organization of sexuality*. Chicago: University of Chicago Press.
- Lucas, J. S. (1993). *SIDA: A sexualidade desprevénida dos portugueses*. Lisboa: McGraw-Hill.
- Nunnally, J. C. (1978). *Psychometric theory* (2nd ed.). New York: McGraw-Hill.

- Rosenthal, R., & Rosnow, R. L. (1984). *Essentials of psychological research*. New York: McGraw-Hill.
- Snyder, M., Simpson, J. A., & Gangestad, S. (1986). Personality and sexual relations. *Journal of Personality and Social Psychology*, 51, 181-190.
- Thorndike, R. M., Cunningham, G. K., Thorndike, R. L., & Hagen, E. P. (1991). *Measurement and evaluation in psychology and education* (5th ed.). New York: Macmillan.
- Winer, G. A., Makowski, D., Alpert, R. H., & Collins, F. J. (1988). An analysis of experimenter effects on responses to a sex questionnaire. *Archives of Sexual Behavior*, 17, 257-263.

9. Material

Para as instruções específicas relativas à EAS, cf. Alferes, 1987, pp. 207-214. Ao preparar a EAS para aplicação, deve permutar aleatoriamente a ordem dos itens.

10. Edição e distribuição

Para outras informações relativas à EAS, contactar: Valentim Rodrigues Alferes; Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação; Rua do Colégio Novo; 3000 Coimbra.

11. Anexo

Quadro A1 – Comparação entre as *saturações factoriais* (solução final de *quatro factores* com rotação VARIMAX) obtidas na investigação aqui relatada (Alferes, 1996) e as obtidas em dois estudos de Hendrick e Hendrick (1987a)

Itens	Hendrick & Hendrick: Estudo 1 (N = 807)				Hendrick & Hendrick: Estudo 2 (N = 567)				Alferes (1996 (N = 365)			
	Per	Com	Ins	Pra	Per	Com	Ins	Pra	F1	F2	F3	F4
1	.71				.75				.70	.00	.02	.08
2	.79				.81				.65	.06	.07	-.12
3	.79				.80				.64	-.05	.14	.05
4	.77				.81				.65	.02	.21	-.08
5	.79				.80				.62	-.02	-.05	.02
6	.77				.77				.64	.19	.06	.02
7	.68				.75				.34	.15	.21	.15
8	.63				.66				.36	-.00	.36	-.06
9	.59				.67				.31	.24	.25	-.00
10	.56				.57				.42	.17	-.01	.18
11	.58				.63				.36	-.12	.18	.29
12	.59				.58				.27	.04	-.01	.35
13	.60				.65				.38	.41	-.07	.08
14	.48				.52				.55	-.11	.10	.04
15	.48				.48				.70	.14	.21	.17
16	.44				.42				.17	-.04	.19	.13
17	.47				.64				.23	.09	.12	.38
18	.48				.67				.29	.14	.47	.34
19	-.63				-.65				.54	-.05	.06	.21
20	-.50				-.31				.33	-.23	-.07	.23
21	-.60				-.65				.23	-.33	.14	.23
29		.47				.61			.15	.46	-.11	-.03
30		.47				.55			-.14	.45	.11	-.07
31		.58				.65			-.13	.49	.01	-.08
32		.49				.55			.07	.52	.26	-.04
33		.58				.64			-.19	.49	.01	.08
34		.39				.62			.18	.42	-.01	-.38
35		.61				.74			.05	.70	.01	-.15
36		.53				.63			-.07	.55	-.16	-.10
37		.52				.63			.30	.48	.16	-.09
38			.52				.55		-.05	.03	.48	.05
39			.54				.71		.11	-.02	.54	-.05
40			.66				.71		.09	.06	.61	.06
41			.66				.74		.06	-.15	.67	.03
42			.65				.71		.03	-.10	.63	-.07
43			.54				.51		.09	.11	.51	.22
22				.52				.67	-.07	.18	-.05	-.40
23				.51				.73	.01	.05	-.19	-.61
24				.41				.74	.08	.07	-.06	-.52
25				-.34				.54	-.08	.02	.12	-.51
26				-.33				.50	.23	.35	-.04	.27
27				.41				.48	.33	.43	-.09	.12
28				.41				.51	.32	.49	-.01	.16

Nota. Per = Permissividade; Com = Comunhão; Ins = Instrumentalidade; Pra = Práticas sexuais